

# Cidade Vodú: a poética em meio às ruínas.

Rosana María Faustino \*

## A poética em Cena: Cidade Vodú

144

**C**idade Vodú, no dia 27 de outubro de 2015, na série Terça Tem Teatro do Itaú Cultural mostrou pela primeira vez ao público seu projeto, deixando claro seus objetivos. Em março de 2016, estreia na MITsp, fazendo algumas apresentações e em abril, abre novamente os portões da Vila Itororó, possibilitando assim, que mais pessoas prestigiem tal evento. O espetáculo ficou em cartaz de 01 de abril a 15 de maio de 2016.

Na vila Itororó, em meio aos tapumes e restos da obra, Cidade Vodú adquire vida. Um projeto desenvolvido pelo grupo Teatro de Narradores sob a direção de Fernando de Azevedo, tem em seu elenco atores e atrizes haitianos que trazem para o enredo narrativas vividas por estes, o que o torna impactante e verídico, fazendo com que os espectadores mergulhem em cada cena e vivam juntamente com os atores, cada momento encenado por eles. A peça narra a diáspora dos haitianos sobreviventes do terremoto em busca de refúgio e sobrevivência. Para o diretor, o foco de interesse de Cidade Vodú é:

*A experiência desses haitianos no Brasil, precisamente num momento de mudanças estruturais. O choque com a imagem de um Brasil mestiço e tolerante e as promessas econômicas do atual ciclo de modernização postas à prova pela verdade cotidiana de uma assimilação incompleta desses estrangeiros. (Bôas, 2016:22)*

A peça inicia de maneira diferente, em especial ao que diz respeito ao espaço cênico: ambiente fechado, com perfeitas iluminação e sonorização. No galpão, onde todos aguardam pelo desenrolar da peça, somos abordados por atores vestidos como “soldados”, que são os orientadores do percurso a seguir. Recebem-se então as instruções e um aparelho sonoro. Dele, ouve-se a narração do tráfico de negros para a América, com fidelidade de detalhes da crueldade enfrentada por eles, o qual nos fará companhia no caminho que se dá nas calçadas que circundam a Vila Itororó, até chegar ao portão de entrada da mesma.

Por caminhos tortuosos trilha Cidade Vodú e revela um mundo de histórias, que mistura o imaginário e o real. Logo, um ritual religioso, o Vodú, que é uma prática associada à religião, “porque todos os seus adeptos acreditam na existência de seres espirituais que vivem em algum lugar no universo com uma ligação íntima com os humanos.” (Handerson, 2015:540), abre as portas desse mundo para os seus espectadores. A partir de então, somos instigados a seguir os personagens em todas as cenas, saindo do comodismo e percorrendo em cortejo pelos destroços da vila.

\* Mestranda em Educação. Universidade de Sorocaba, Brasil. E-mail: rosana.faustino@gmail.com

Os portões da vila se abrem como num gesto de receber os migrantes que desembarcam em terras estranhas, e tem início um diálogo entre personagens e espectadores, trazendo à tona, a história da escravidão, colonização haitiana, e das revoltas do passado que sua população ainda carrega em sua história, e tudo perpassado por cenas que são articuladas por um narrador “que liga os tempos, media, comenta, antecipa, interpõe-se, entra e sai das cenas” (Bôas, 2016:26). O personagem Baron Samedi, interpretado por Renan Tenca Trindade, aparece em cena após ser evocado em ritual espiritual. Bréda, personagem que também permeia todas as cenas, é responsável por essa evocação.

Cidade Vodou nos imerge pelas veredas da poesia e da cultura que traz o haitiano que imigra para o Brasil e apropriando-se de sua língua, o Créole, que é fundamental na constituição da nação haitiana, intercalando com o francês e o português, ela garante ao espectador maior aproximação do universo haitiano. “Esperai! Esperai! Deixai que eu beba esta selvagem, livre poesia” (Alves, 2008:15).

Durante a peça, somos conduzidos a um compartilhamento da cultura do Haiti: culinária, dança e música. Mesmo sem ter tantos motivos para comemorar, a alegria toma conta do cenário, celebrar a vida, apesar do coração em ruínas.

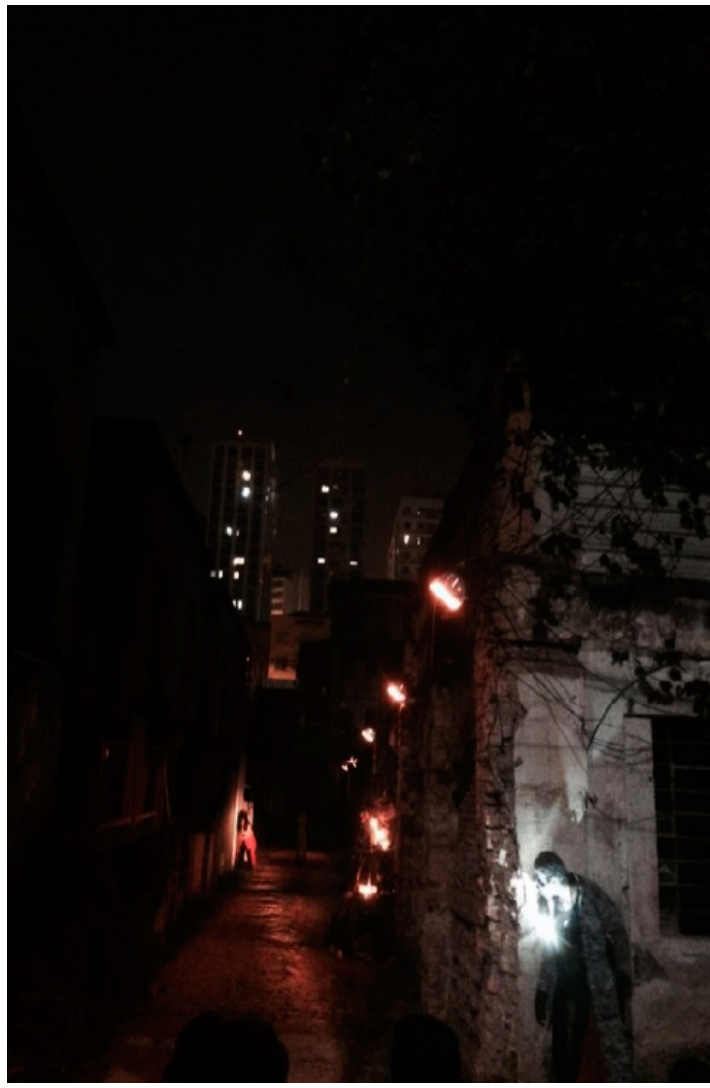


Foto 1. Rosana M. Faustino



Foto 2. Rosana M. Faustino

*Depois, o areal extenso... Depois, o oceano de pó. Depois no horizonte imenso... Desertos... desertos só... E a fome, o cansaço, a sede... (Alves, 2008:26).*

Cidade Vodú, depois do terremoto: apenas pó, desertos, cansaço, fome, sede, tristeza, desespero.

Neste contexto desolador em que o caos obriga a luta por sobrevivência, Bréda, une-se a milhares de haitianos que se veem obrigados a deixar tudo em busca de novos horizontes, com sonhos de reconstruir suas vidas e esperanças. O Brasil, o país “acolhedor”, é o destino da nau de Bréda e seus companheiros. “Existe um povo que a bandeira empresta p’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...” (Alves, 2008:28).

Era nisto que eles queriam acreditar: uma pátria que os acolhesse para amenizar o sofrimento por ora enfrentado. Porém, a realidade encontrada não foi conforme previam. Além das dificuldades enfrentadas na viagem, chegando ao Brasil, faltam documentos, lugar para morar, a língua e a cultura são diferentes e o trabalho é escasso. As construções civis são destino da maioria, que submetem-se às precárias condições de trabalho e à má remuneração pelo trabalho executado. Todas as dificuldades são bem retratadas em todas as cenas que acontecem na Vila Itororó.

## Vila Itororó: a cidade em ruínas

O cenário está montado. Tem endereço certo: uma cidade em ruínas. Um amontoado de prédios com paredes descascadas pelo tempo, desmoronando. Pó, restos de construção, paredes sendo refeitas: Vila Itororó. Situada no Bairro Bela Vista, em São Paulo, foi construída no início do século 20 por muitos anos foi habitada, até seus moradores serem desapropriados. Hoje, a vila é tombada como patrimônio cultural. No meio dos seus escombros, existe uma cidade fantasma. A história de seus morado-

res que deixaram suas casas se mistura com a diáspora dos haitianos, pois eles também foram obrigados a deixar sua terra, em virtude de um terremoto devastador.

O trajeto rumo ao desembarque na cidade Vodú se dá pelas calçadas da Avenida Pedroso, em torno de um centro histórico e provisoriamente denominado centro cultural, no coração da vaporosa São Paulo. Em meio aos destroços de da reforma, quem contorna este local, é escoltado por pessoas que simbolizam soldados, apaziguadores e mantenedores da ordem. Não há como dispersar ou sair da rota, pois uma voz imponente lateja nos ouvidos de todos, convidando a sair do comodismo que ora os impregna.



Foto 3. Rosana M. Faustino

## A diáspora haitiana

Desde a Revolução Haitiana contra a colonização francesa em prol da sua libertação, os haitianos que pagaram e ainda pagam um preço alto pelo sonho da liberdade, acreditavam que, a partir daquele momento, teriam a possibilidade de viverem com a dignidade, que por muito tempo foi negada a eles. Portanto, em 2010, quando o Haiti enfrentou um terremoto que devastou sua pátria matando milhares e deixando outros tantos desabrigados, sem empregos, casa e perspectivas de um futuro, acompanhamos mais uma vez, em um cenário desolador e em meio à ruínas, a luta por sobrevivência daqueles que escaparam, e em consequência desta tragédia, a fuga de muitos, deixando para trás seu país, sua história, familiares e cultura, para sair em busca de um lugar que pudesse lhes receber com dignidade e oferecer condições para se instalarem e se sentirem seguros e com novas perspectivas de vida.

Um dos lugares escolhidos para refúgio foi o Brasil, que desde 2004 comanda a missão militar das Nações Unidas no Haiti a MINUSTAH. Com promessas de que em terras brasileiras seria possível esse recomeço, inicia-se, a diáspora de milhares de haitianos.

“Donde vem? Aonde vai? Das naus errantes, quem sabe o rumo é tão grande o espaço?” (Alves, 2008:13). Assim como no Navio Negreiro, de Castro Alves, texto que permeia essa narrativa, no qual se questiona sobre o rumo da nau onde estão pessoas que vivem a incerteza de suas vidas, da mesma forma, os haitianos que buscam refúgio, em outros países, também se veem nessa perspectiva: o que os espera neste novo lugar onde esta nau os leva? Será que agora o sonho de liberdade e de um futuro melhor será concretizado?

Mesmo com todos esses questionamentos, esperança e sonhos são as únicas coisas que trazem nas bagagens. Esperam deixar para trás um passado que os marcam; sonham com um presente de reconstrução e com um futuro retorno à Pátria mãe. Desde o terremoto que assolou o Haiti, no Brasil, em diversos Estados, o número de Haitianos que desembarcaram foi grande.

## Reflexos e reflexões

Com uma abordagem que mistura teatro, cinema, música, Cidade Vodou com suas intervenções traz à tona discussões sobre: a vida dos haitianos após a revolução; a atuação das missões de paz no Haiti; as dificuldades encontradas pelos que tentaram se refugiar em terras brasileiras, dentre elas o racismo e o desemprego.

Algumas cenas, muito impactantes, como uma logo no início da narrativa, nos coloca frente a um negro enforcado, dependurado em uma corda, simbolizando a solidão da morte, que permeará a peça em muitos outros momentos, com um silêncio que ainda reina pelo assassinio e sofrimento provocado ao povo africano, cujo povo,



Foto 4. Rosana M. Faustino

*São os filhos do deserto, onde a terra esposa a luz [...] São os guerreiros ousados, que com os tigres mosqueados combatem na solidão. Outros simples, fortes, bravos, hoje mísero escravos, sem luz, sem ar, sem razão. (ALVES, 2008:24)*

A peça visa à preservação da cultura do Haiti, pois as línguas escolhidas para a mesma são: a portuguesa, francesa e o créole, e legendadas para que os espectadores possam se inteirar das mesmas. Essa fidelização e preservação dos aspectos culturais do Haiti são mais um ponto positivo para o grupo Teatro de Narradores, pois sem demagogias, não pensaram apenas em transmitir a saga dos haitianos desde a saída de sua terra, ou as dificuldades encontradas em terras brasileiras, mas sim, em contextualizar de maneira verossímil e detalhada as histórias e as vivências deles, de forma que possamos transcender as barreiras que nos impedem de vermos o outro, em especial um imigrante, como ser que mesmo estando longe da sua Pátria, carrega consigo além de seus sonhos e esperanças, a sua bagagem histórica e cultural.

*Desce do espaço imenso, ó águia do oceano! Desce mais... inda mais... não pode olhar humano como o teu mergulhar no brigue voador! Mas que eu vejo ai... que quadro d'amarguras! Que tétricas figuras! Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror! (Alves, 2008:17).*

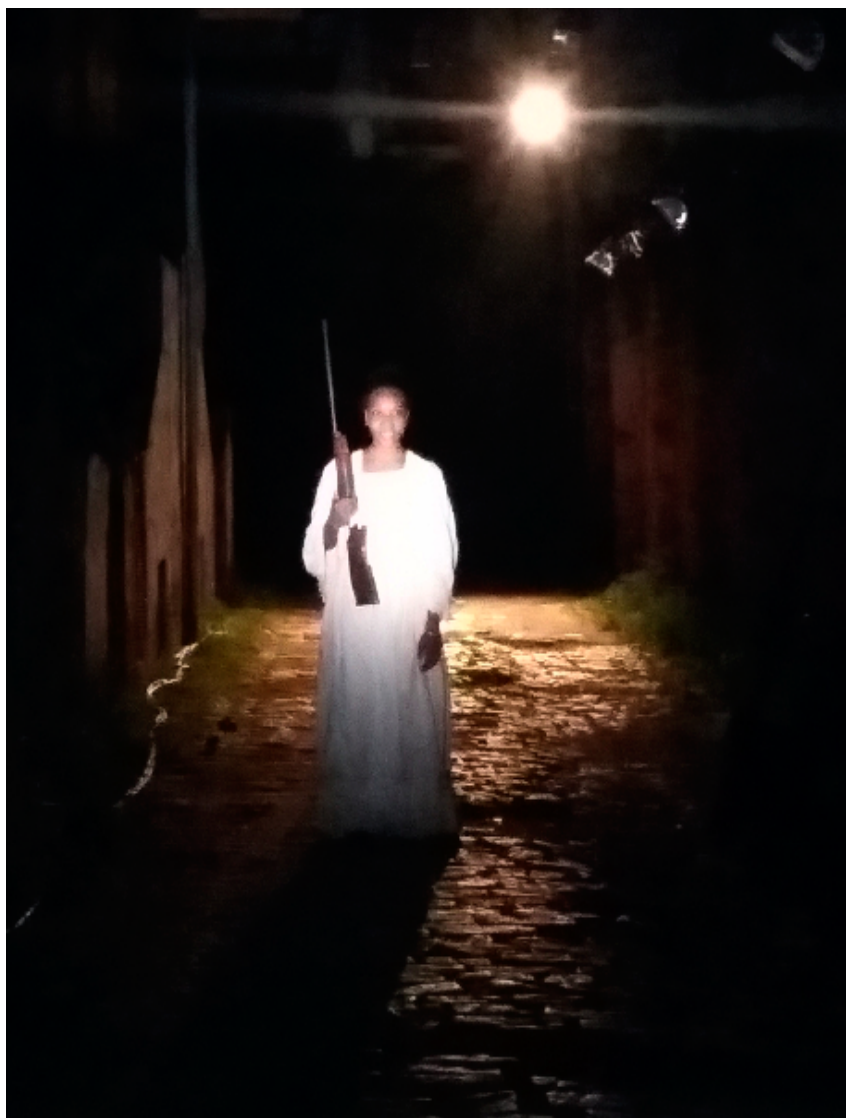


Foto 5. Rosana M. Faustino

Muitos questionamentos surgem ao longo da peça e nos tira da inércia, fazendo com que procuremos respostas para as mesmas. Durante uma cena na qual um vídeo retrata soldados da missão de paz no Haiti, (Bôas, 2016:25) faz a seguinte crítica:

*(...) a Minustah aparece em cenas reais, exibidas em vídeo, usando a força bruta para dispersar a concentração de protestos do povo haitiano e impondo seus valores como na cena em que o soldado, protegido pela sombra e uma tenda com seus colegas, ensina um grupo de crianças e adultos haitianos, parados sob o sol, em meia lua, a cantar e dançar uma música da Xuxa. Na sequência, uma atriz haitiana, declama a música e perfeito português em marcha lenta empunhando uma espingarda.*

Alinhavando os acontecimentos, a peça se desenrola trazendo à tona assuntos como a escravidão, as relações entre brancos e negros, a opressão sexual, a exploração da mão de obra, a diáspora. Porém, o público que, entre os escombros, acompanha estupefato a cada intervenção, é convidado a indagar-se: Onde está este navio negreiro do século 21?

Faço parte desta tripulação, ou apenas acompanhamento do convés? No reconhecemos nesses migrantes, ou nos sentimos senhores das casas grandes? Qual o nosso papel de brasileiros diante do cenário de migração? Acolher é apenas abrigar os refugiados em construções civis e dizer que cumpriu o seu papel?

Da mesma maneira como foi retratado nos versos do Navio Negreiro, o horror vivido pelos negros ao longo de sua trajetória para as Américas, nas cenas lastimáveis e de brutalidade, Cidade Vodú nos faz mergulhar no decorrer da peça, com cenas parecidas, de um teor chocante e realista, fazendo-nos pensar sobre as consequências de nossos gestos perante uma sociedade que ainda permite muitas atrocidades aos seus cidadãos, seja ele migrante ou não.

Nesse viés, com cenas impactantes, Cidade Vodú perpassa por todas as urgências contemporâneas pelas quais a nossa sociedade passa, além da migração, o desemprego, a morte, o estupro, o racismo, a falta de sensibilidade de enxergar o outro e resta aos espectadores a provocação e o incômodo.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. 2008. O Navio Negreiro. São Paulo: Global.

BÔAS, Rafael Villas. (2016). Cidade Vodú: a disposição de correr riscos entre fronteiras. Caderno de ensaios Teatro de Narradores. Vol. 8 (2): 21-28.

FILHO, Silvio Rosa. (2016). Cidades Paralelas. Caderno de ensaios Teatro de Narradores. Vol. 8 (1): 7-20

HANDERSON, Joseph. (2015). Diásporas negras no contexto pós-colonial: dialogando com intelectuais haitianos. In: Educere et Educare. Vol. 20: 537-548.